

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

UMA AVENTURA

de MIMI, NECAS e LULÚ

por LEONOR DE CAMPOS

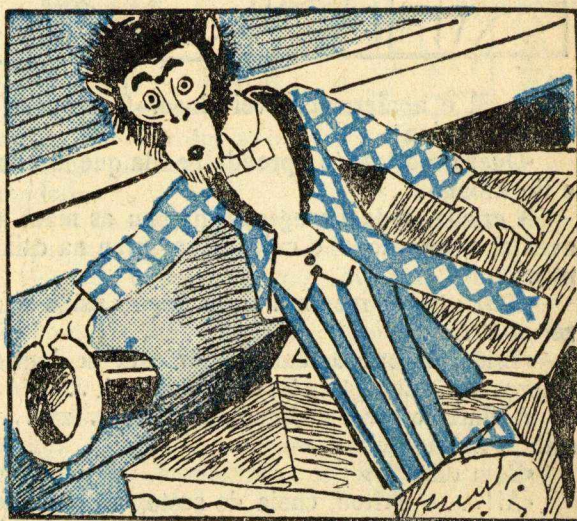
SÃO três irmãos rabinos, garotos, endiabrados. Batem-se e arranham-se por qualquer insignificância. Mas... se se trata de fazer partidinha ou maroteira... pronto: está tudo de acôrdo.

Brinquêdo que apanhem a jeito é logo despeçado, reduzido a pó, terra, cinza e nada.

Há tempos, em dia de anos, o tio Albano lembrou-se de oferecer à Mimi uma caixa de surpresas. Era um brinquedo de valor e muito engraçado. Compunha-se duma caixa linda, com uns palhaços encrustados na tampa. Na parte da frente da caixa, um outro palhaço escancarava a boca, em alegre risota. Dissimulado no barrête dêste, ocultava-se um botão.

Carregava-se no botão e abria-se a caixa. E, logo, de dentro, saltava um macaquinho, de casaca e chapéu alto, que, em voz de cana rachada, dizia:

«Bom dia!...»



A caixa era, na verdade, uma pequena maravilha. Porisso, não só a Mimi como os irmãos ficaram contentíssimos com a prenda.

Obrigaram o macaco a dar-lhe os «bons dias» mais dum cento de vezes.

E, a certa altura, o Lulú, que tinha sempre «boas idéas», lembrou:

«Vamos meter medo às criadas?»

«Valeu!» — concordou Necas.

«Fixe!...» — aceitou Mimi.

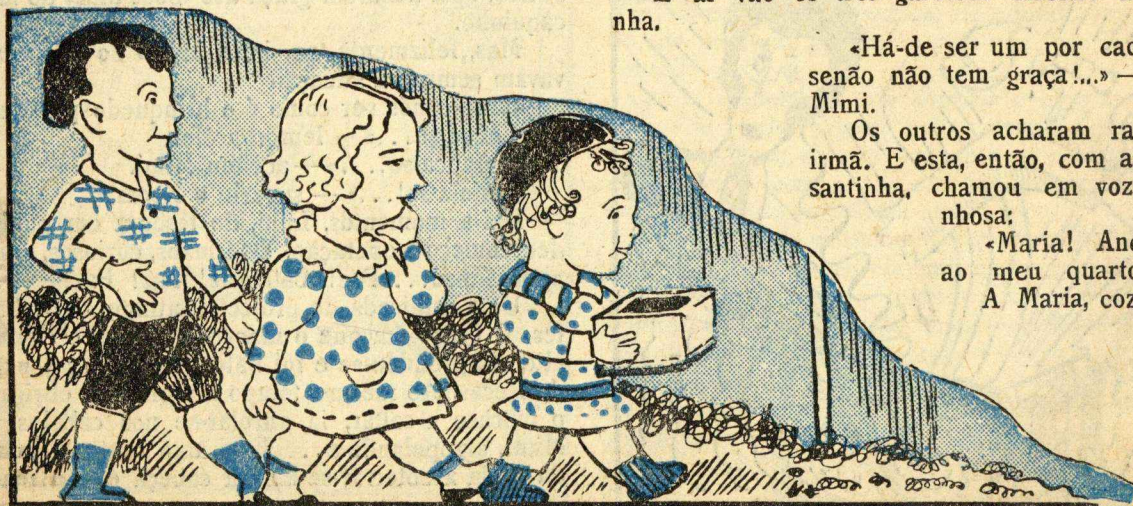
E aí vão os três garotões direitos à cozinha.

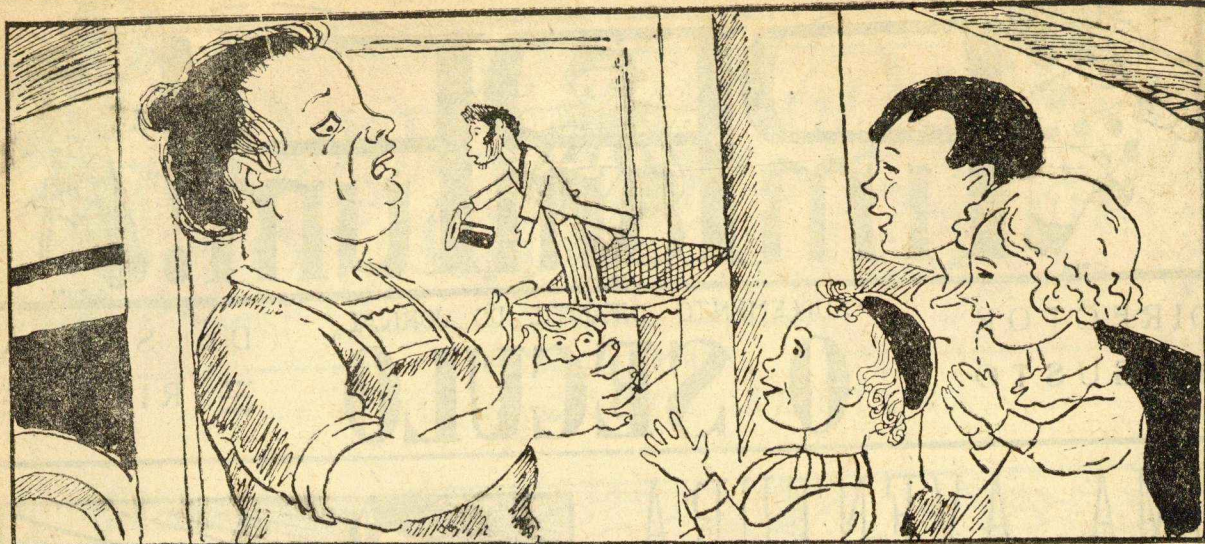
«Há-de ser um por cada vez, senão não tem graça!...» — disse Mimi.

Os outros acharam razão à irmã. E esta, então, com ares de santinha, chamou em voz carinhosa:

«Maria! Anda cá ao meu quarto!...»

A Maria, cozinhei-





ra, boçal e apalermada, veio logo. «Que quere a minha menina?»

«Quero mostrar-te a prenda bonita que me deu o tio Albano...»

A criada, toda lisongeada, limpou as mãos ao avental e, com todo o cuidado, agarrou na caixa-nha.

«Z'or'olhe, ó menina! Estes homes estão a fazer poltricas?»

«Estão. Agora o mais bonito está lá dentro. Queres ver? Carrega nêsse botãozinho!...»

A Maria carregou. Imediatamente... zás!... salta o macaquinho:

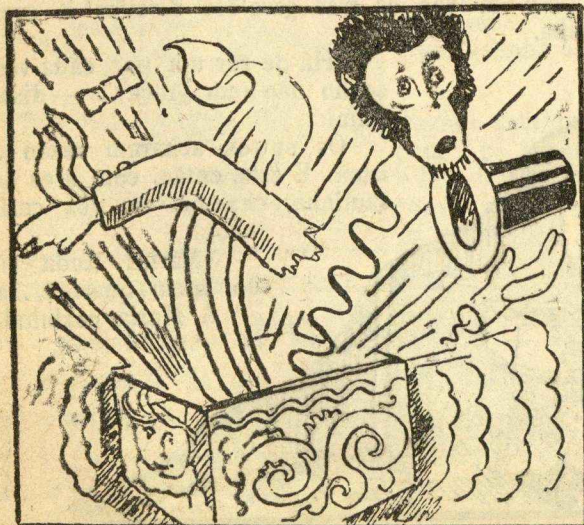
«Bom dia!...»

«Ai!... — gritou, cheia de susto, a pobre lôpa —. Ai Virgem, que a caixa tem o diabo lá dentro!...»

E largando-a das mãos, por pouco não a espatifou. O que valeu foi o Necas tê-la apanhado no ar!

A Maria voltou para a cozinha, a tremelicar e a benzer-se.

A petizada riu a perder com o terror da cozinheira. Resolveram logo continuar a partida. Foi desta vez o Necas quem se incumbiu de chamar a outra criada:



«Amélia!...»

Veio a Amélia, dengosa e muito senhora do seu nariz, a saracotear-se:

«Que deseja, menino?»

E' para veres a prenda que o tio deu à Mimi.»

«Ora! — exclamou a Amélia, desdenhosa, depois de ter virado e revirado a caixa. — E' uma caixa como outra qualquer!...»

«Parece-te! Por dentro é que é bonita! Carrega na mola!...»

«Credo!...» — assustou-se ela, ao ver surgir o o macaco. Mas logo se zangou, aborrecida com as gargalhadas dos três irmãos:

«Que brincadeira tão estúpida!... Não têm mesmo graça nenhuma!... Os meninos são uns verdadeiros mafarricos!...»

Consolados com a partidinha, Mimi, Necas e Lúlú, falaram no assunto muito tempo, rindo a bandeiras despregadas da aflição das raparigas.

Mas, por fim, como já não tinham a quem assustar, principiaram a aborrecer-se.

«Oh!... Afinal o brinquedo não é assim tão divertido como a gente julgava!...» — lamentou Lúlú. «Pois não!» — disse Necas.

«E' maçador!...» — afirmou Mimi.

E, com ares de enjoados, olhavam uns para os outros, sem acharem graça aos «bons dias» do macaquinho.

Mas, felizmente, as «boas idéas» do Lúlú salvavam sempre a situação

«Vamos nós ver como é o brinquedo por dentro? Abre-se...» — lembrou êle.

«Arranca-se!...» — aceitou Mimi.

«Esfola-se!...» — sugeriu o Necas.

Daí a momentos, Lúlú, de tesoura em punho, deu começo à operação. Os irmãos, curiosos, aproximaram-se... Paz! Catrapaz! Paz! Paz!...

Uma saraivada de projecteis atingiu os diabretes. O braço em que o macaco sustinha o chapéu alto, desprendeuse e foi bater em cheio no nariz do Necas. Ao mesmo tempo a mola que obrigava o macaco a saltar, ia enrolar-se nos cabelos da Mimi, arrepelando-a... Esta, que sentia a ponta da mola a enterrar-se-lhe na cabeça e não podia

(Continua na página 6)

DESTINOS

NOVELA INFANTIL POR
GRACIETTE BRANCO

(Continuação)

— «Sim, «miss» Hellen — respondeu, comovido, o rapaz. Guardo sempre, no coração, a imagem do meu risonho País, tão lindo e tão alegre e das pessoas queridas que lá deixei. Mas faz bem viajar, conhecer terras; aprendermos a ser alguém, á nossa custa, desembaraçarmo-nos, vermos horisontes mais amplos e alargar-se, em nós, o desejo de vencer. Sempre tive êste ideal: conseguir uma situação de destaque, na vida.

Seu Pai, «miss» Hellen, representa, para mim o guindaste, há tantos anos, sonhado.

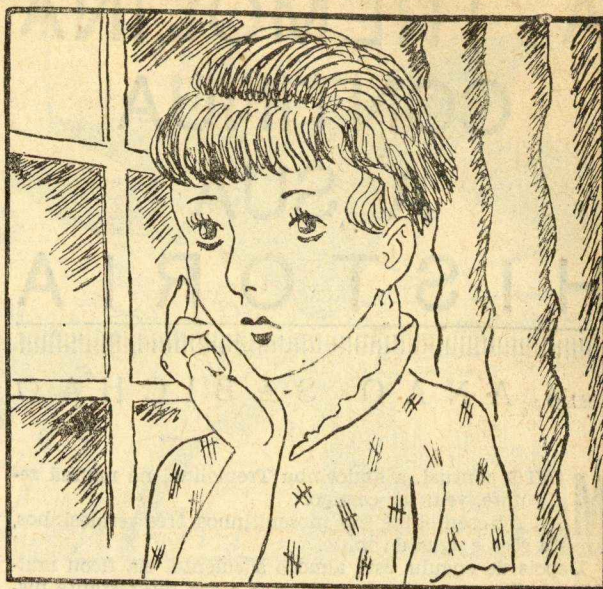
Naturalmente esta minha ambição não passa dum sonho efêmero e ridículo, mas não quero que o desânimo me assalte o espírito, me aniquile a vontade.»

— «Mas, porquê um sonho ridículo, Fernando?! E' tudo o que existe de mais legítimo.

O Fernando já sabe, certamente, que meu Pai não nasceu milionário e que é também, a sua vida, um nobre exemplo de trabalho e perseverança. Meu Pai, como todos os belos caracteres, não se envergonha de dizer que foi, durante anos, seguidos, um pobre vendedor de jornais. Também o elevou e o lançou na vida Lord Cook, — um santo velhinho que já não existe, — e que tem, no coração de meu Pai, um altar erguido, de eterno reconhecimento e gratidão.

E meu Pai interessa-se particularmente por si, Fernando, porque lhe evoca todo o seu passado, porque descobriu, em si, uma alma sedenta de movimento, plena de corâgem para o trabalho, ansiosa por lutar para vencer, para criar uma situação, para deixar um nome.

Creia, Fernando, que é com a maior alegria



que eu tenho observado a sua ascensão. Você, Fernando, não nasceu para ser criado, para ser mandado.

Se soubesse o que me custava quando tinha que lhe transmitir alguma ordem de meu Pai!...

— «Oh, «miss» Hellen, — atalhou, comovido, Fernando! E' que eu tive a sorte de deparar com uma família modelar, duma generosidade, duma bondade, que me deixam, absolutamente, confuso!»

— «Na vida, Deus prepara, a todos, o caminho a seguir. Era pena que o seu temperamento ficasse esquecido, ignorado, que as suas forças o aniquilassem, Fernando!»

Peço-lhe que tenha sempre confiança, que não desista do intento glorioso de se elevar.

Seremos sempre os seus guias, os seus auxiliares, os seus amigos dedicados.

Adeus, Fernando. Meu Pai espera-me no seu gabinete de trabalho, para irmos juntos visitar os bairros pobres, onde vivem alguns operários das fábricas Grosmith.»

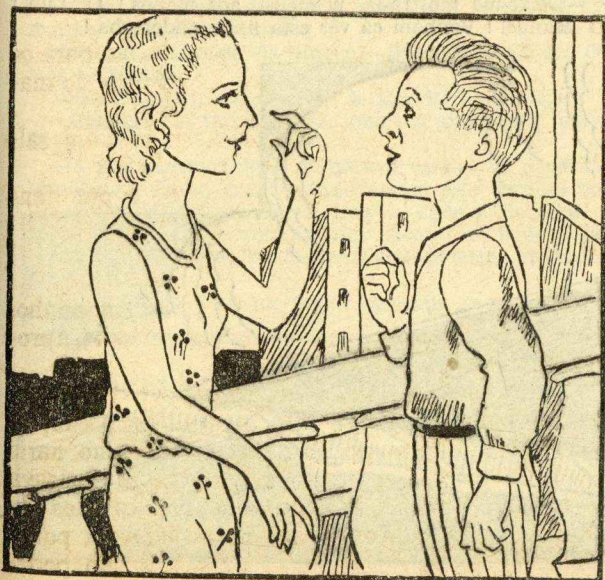
— «Adeus, miss Hellen. Obrigado, muito obrigado, pelas suas caridosas palavras, que me encheram de sol o coração.

Sinto-me, agora, mais confiado do que nunca. Nós, os pobres, precisamos, de quando em quando, de palavras de alento que nos fortifiquem a vontade.»

Miss Hellen, na sua simples e elegante «toilette» de tarde, seguiu pelo corredor, enquanto Fernando, com o rosto brilhante de alegria, a ficou olhando, com seu ar distinto e correcto, onde havia muito de respeitosa afeição.

Toda a tarde trabalhou, afanosamente, vendo brilhar, a sua boa estrêla cada vez mais alto e em céu mais azúl. Depois, quando a tarde desceu e a neblina de Londres tudo envolveu em misteriosa penumbra, veio-lhe uma grande saúde do claro céu de Portugal, uma lembrança viva de Lisboa, da mercearia do primo Gonçalves e, sobretudo, do ingénuo sorriso de Rosinha, da modesta e sofredora Rosinha, aturando maus tratos dos patrões,

(Continua na página 6)



A TREMOLINA CONTINUA A SUA HISTORIA

PELO ANÃO SABICHAO

MUITO pontual, a andorinha Tremolina, na manhã seguinte, veio ter comigo. Apresentei-lhe três mosquitinhos, três vermesinhos, alpista seca e água da fonte.

Depois de engulir este almoço suculento, ela ficou muito bem disposta e pronta a encetar a sua interessante história.

Começou assim :

—Como eu já disse, a nossa partida estava decidida.

Juntamente com outras famílias de andorinhas, reunimo-nos no telhado da igreja.

Na esteira das mais velhas, voámos, então, através de bosques, rios, vilas, cidades, aldeias e, por fim, chegámos ao mar.

Nunca, na minha vida, vira uma tal imensidade de água, com ondas tão altas e bravias.

Eu tinha muito medo, mas as andorinhas que nos guiavam piavam, á nossa frente, para nos animar.

A viagem não se fez sem peripécias !

Uma das minhas irmãs queria, á viva força, provar a água do mar.

A minha mãe zangou-se, dizendo que só as nossas primas gaivotas se davam bem com semelhante bebida !

Depois, passou um grande barco, todo embandeirado.



Muito atrevida, tentei pousar num dos mastros.

Vai, um marinheiro ia-me apanhando e eu quasi desmaiei, de susto !

Fômos indo, sempre voando, até que, depois de muitas horas de viagem, as nossas companheiras da vanguarda, piaram, contentes :

—Coragem ! Já se vê terra. Deve ser a Madeira.—

Daí a bocado, meus pais seguiram em direcção duma casa apalaçada.

Como era noite escura e vinhamos muito cansadas, tratámos de nos acouchar nêsse telhado e, metendo as cabezinhas debaixo das ásas, dormimos lindamente.

Quando, de manhãzinha, abri os olhos, fiquei encantada.

Um sol radioso brilhava, lindos jardins se viam por toda a parte e eu voei logo para um limoeiro, caregadinho de flôr.

Estava muito entretida a caçar um insecto, quando senti que qualquer coisa abatia sôbre mim e vi-me envolvida nas malhas duma rêde.

Uma voz gritou :

— Pronto, agarrei-a ! Agora já posso vê-la de perto ! — Era uma pequenita loira que me apanhara.

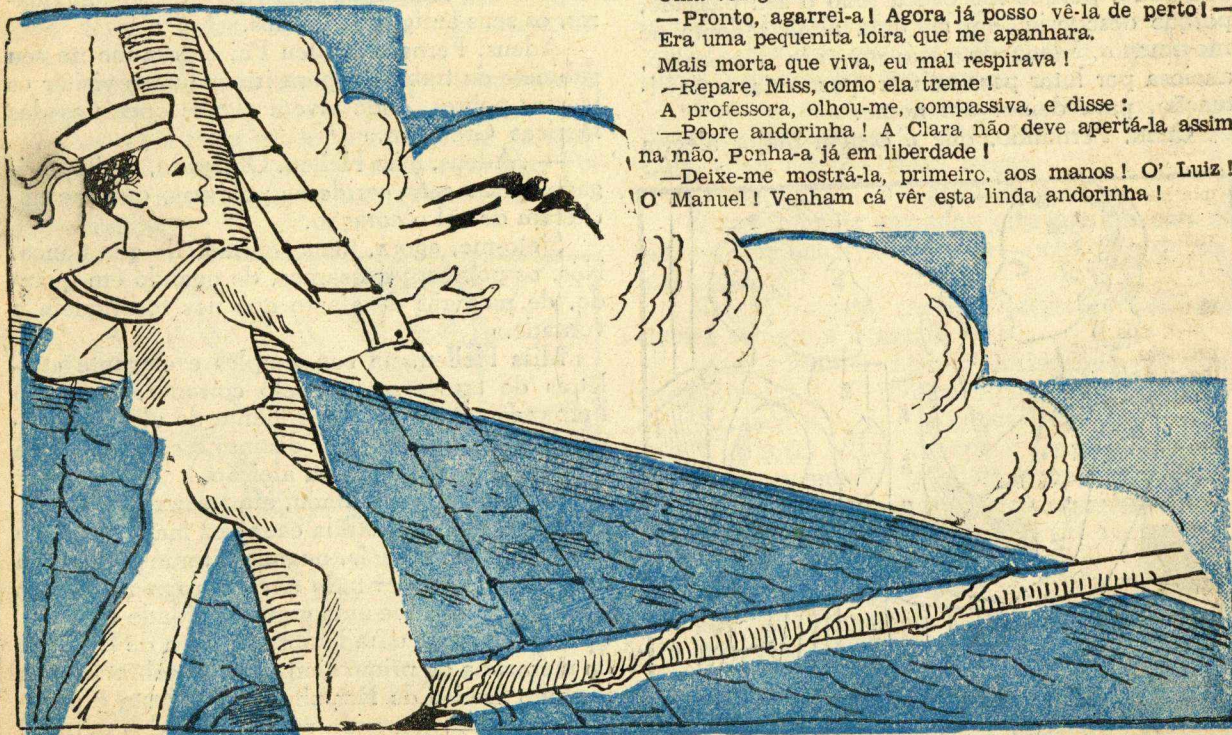
Mais morta que viva, eu mal respirava !

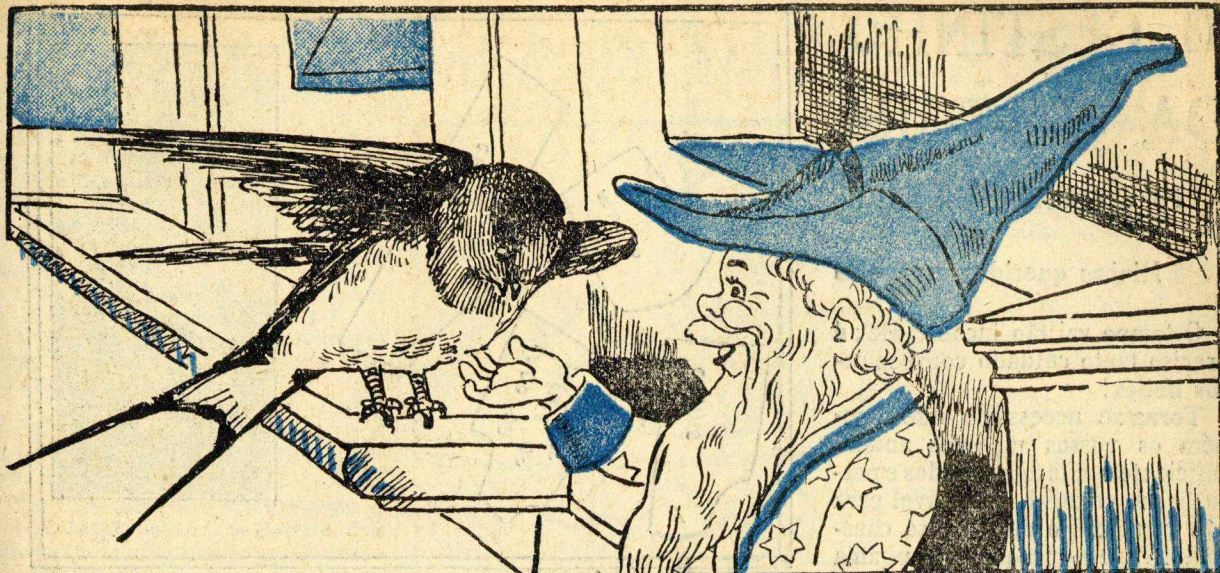
— Repare, Miss, como ela treme !

A professora, olhou-me, compassiva, e disse :

— Pobre andorinha ! A Clara não deve apertá-la assim na mão. Ponha-a já em liberdade !

— Deixe-me mostrá-la, primeiro, aos manos ! O' Luiz ! O' Manuel ! Venham cá vêr esta linda andorinha !





Os rapazinhos chegaram-se logo e enquanto a Miss repetia :

—Tomem cuidado ! Não lhe façam mal ! — as três crianças voltavam-me e tornavam a voltar-me, por todos os lados, dizendo, enlevadas :

—Como é linda ! Que cabecinha tão engraçada ! — Que olhinhos tão vivos ! — parecem continhas !... e as asas que beleza !...

Um dos pequenos puxou por uma delas, com feitinho, forçando-me a abri-la

Foi nessa ocasião que senti debaixo, o rolinho de papel que o Antoninho ali atára.

—O que é isto ? — indagou, curioso.

—E' um bilhete ! — gritaram todos em côro.

—Vão buscar uma tesoura para lhe cortar o fio que o segura — disse a professora que também se aproximara, muito interessada.

—O melhor é levá-la para casa. — acudiu a pequenita.

Meu dito, meu feito.

Nas mãos das crianças, entrei numa grande sala, onde costurava uma senhora que era a mãe dos meninos.

Eles falavam todos ao mesmo tempo, muito excitados, explicando o que sucedia.

Então, levantaram-me a asa, com muito cuidado, e lá me cortaram o fio que prendia o bilhete.

Foi o Luiz, com um ar muito importante que o desenrolou e o leu, de rijo.

Dizia assim :

—O grande amigo desta andorinha, que se chama Tremolina, é Antonio Ramalho.

Mora na casa onde ela nasceu — Santo Antonio dos Olivais — Coimbra.

Todos soltaram exclamações de alegria e admiração.

—Coimbra ! A terra da mãezinha ! A andorinha vem de lá ! —

—E nós havemos de lá ir para o verão ! Já o pai nos prometeu ! Tinha graça encontrarmos êsse menino para lhe dar noticias da sua Tremolina ! — disse a Clarinha.

Os irmãos, entusiasmadíssimos aprovaram aquela idéa.

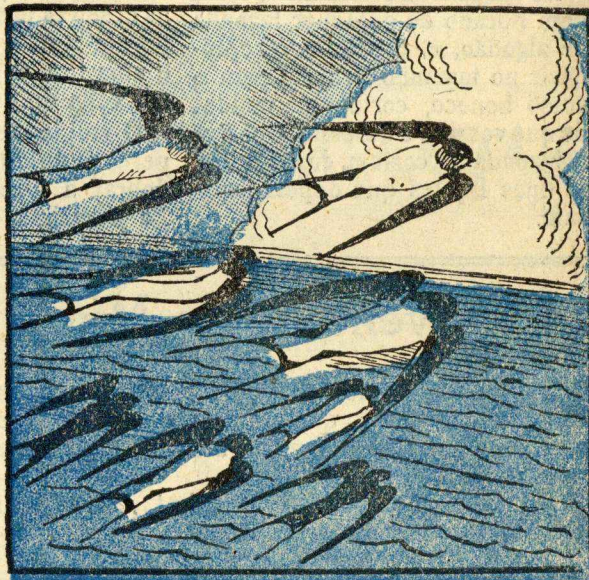
Por fim, depois de me fazerem muitas festas, deixaram-me á solta.

Já a minha família me julgava perdida ou morta !

Andavam á minha procura, numa grande aflicção !

Uma das minhas irmãs teimava que me vira nas mãos duns meninos e minha mãe piava, cheia de angústia :

Foram êles que a mataram, com certeza ! Ou deram-na ao gato ! — Talvez a tivessem metido numa gaiola ! — lembrou meu pai.



Assim que me avistaram foi um concerto triunfal de pios de alegria !

Enquanto lhes contei a minha história, todos se interessaram imenso ! E tu continuas a gostar, Anãozinho ?

—Cada vez mais, Tremolina ! —

—Tenho muita pena de ainda não acabar hoje. Não pode ser ! Já tenho as guelas secas de tanto piar. Dize lá aos leitorzinhos do Pim-Pam-Pum que para a semana verão o lindo fim da minha história.

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A bôa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garralada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SÃO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

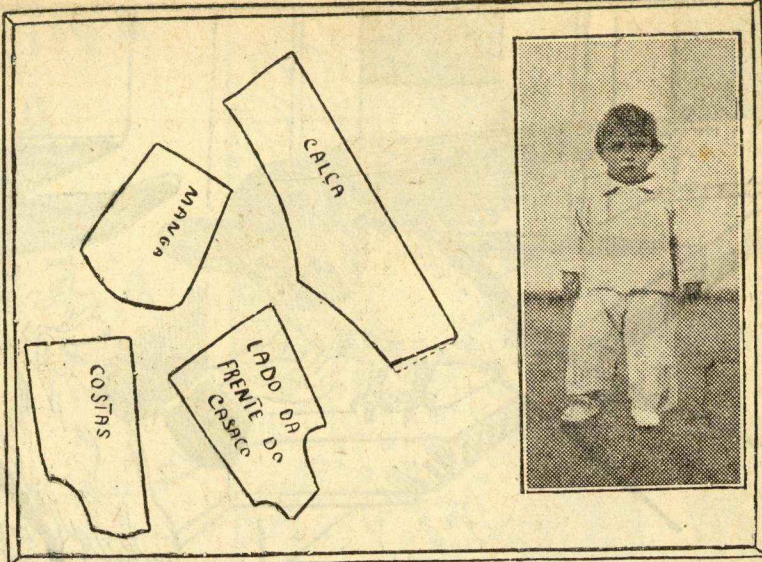
Minhas queridas discípulas

O tempo vai tão inconstante; é preciso tanto cuidado com os nossos bebês!

Torna-se necessário que também os vossos meninos andem suficientemente agasalhados e possuam um enxoval confortável para não correrem o risco de se constipar! Parece-me que este pijama será um acessório imprescindível no enxoval do boneco; assim ele dormirá mais quentinho e a sua mamã mais feliz por o ver bem enroupado.

A sua execução não é difícil.

As minhas abelhinhas pegam num bocado de qualquer fazenda de algodão, e, procurando reproduzir no tamanho próprio para o vosso boneco, cortam os moldes de que vos dou o desenho. Dobram a fazenda e cortam, juntamente, as duas frentes que depois separam.



Igualmente com a fazenda dobrada cortam as costas de modo que as duas metades façam uma só face. Cosem, então, as costuras dos ombros e as dos lados. Cortam as duas mangas e cosem-lhe as costuras para as fechar e depois pegam à cava do casaco. A gola é uma tira a direito que se cose em volta do decote.

O molde da calça mostra uma perna já dobrada e por isso devem dobrar a fazenda para a cortar. As primeiras costuras que se fa-

zem são as que vão da bainha de baixo até ao bico, depois une-se o bico de uma perna com o da outra e cose-se, então, unindo-as pelas costuras que vão até cima.

Bainhas, casas, botões e elástico completam as duas peças e deixam a obra concluída.

Ficará mais bonito se enfeitarem as bainhas da frente do casaco, os punhos e a gola, com outra fazenda que se destaque do resto do pijama.

ABELHA MESTRA

Uma aventura de Mimi, Necas e Lúlú (Continuação da pág. 2)

tirá-la, encheu-se de raiva. E arrancando a caixa das mãos do Lúlú, que ria à gargalhada dos de-sastres sofridos pelos irmãos, arremessou-lho com quanta força tinha.

«Ai! Ai! A minha rica perninha!...» — gritou o Lúlú, a perna a escorrer sangue.

DESTINOS (Continuação da página 5)

esmagada pela saúde do seu Fernando, em terras tão distantes, já uma pessoa de situação diferente, já, talvez, esquecido dela.

A esta lembrança, Fernando sentiu a picada forte do remorso.

Rosinha tinha razão; realmente havia mais dum mês que não escrevia para Portugal, que não dava notícias suas às pessoas amigas.

E o seu Pai? Como estaria aquele pobre coração resignado com a luta árdua da vida, aquela alma excepcional, como a sua, sedenta de horizontes diferentes, mas torcida, vergada, pela mão demolidora do Destino.

(Continúa no próximo número)

Acudiu a família toda. Fizeram-se os curativos. O Necas tinha o nariz inchado e vermelho como uma malagueta.

A' Mimi tiveram de cortar o cabelo dum só lado, para tirar a mola, que também lhe fizera arranhões na testa.

E o Lúlú, a perna envolvida em ligaduras, andou coxo durante muitos dias.

A toleirona da Amélia, sempre senhora do seu nariz e vingativa, apenas os apanhou sós, pôs-se a bater as palmas, enquanto dizia:

«Foi bem feito, seus mauzões!...»

Mas a lorpa e boa Maria cozinheira, chamou-os à dispensa, deu-lhes torrões de açúcar e acarinhou-os:

«Coitadinhos dos meus meninos!... Viram? Antão eu não les dizia que a caixa tinha o diabo lá dentro?»

Hei-de contar aos meus leitorzinhos outras engraçadas aventuras dos três irmãos endiabrados.

||| F I M |||

Charadas em frase

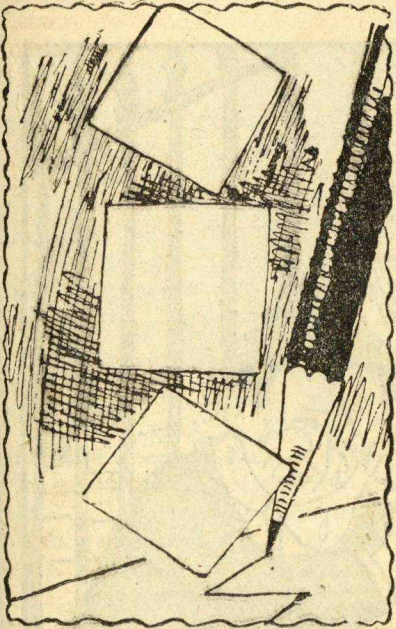
ao Mestre Azor por Diadoso

- 1.^a — Nêste recipiente, vi o laço a puxar aquele instrumento 2-1.
- 2.^a — Com esta conjunção e esta nota de música vi aquela mulher ao pé desta senhora 1-1-2.
- 3.^a — Vi nêste livro o nome daquela mulher 1-2.
- 4.^a — Este rapaz aqui, com aquele homem, acariciou êste animal 1-2.
- 5.^a — Esta mussulmana banhando-se nêste braço de água viu aquêlo bairro 2-2.
- 6.^a — Aqui êste homem montou aquele animal 1-2.
- 7.^a — Ele desvia aquela mágoa porque tem movimento 2-1.

Decifração das anteriores —

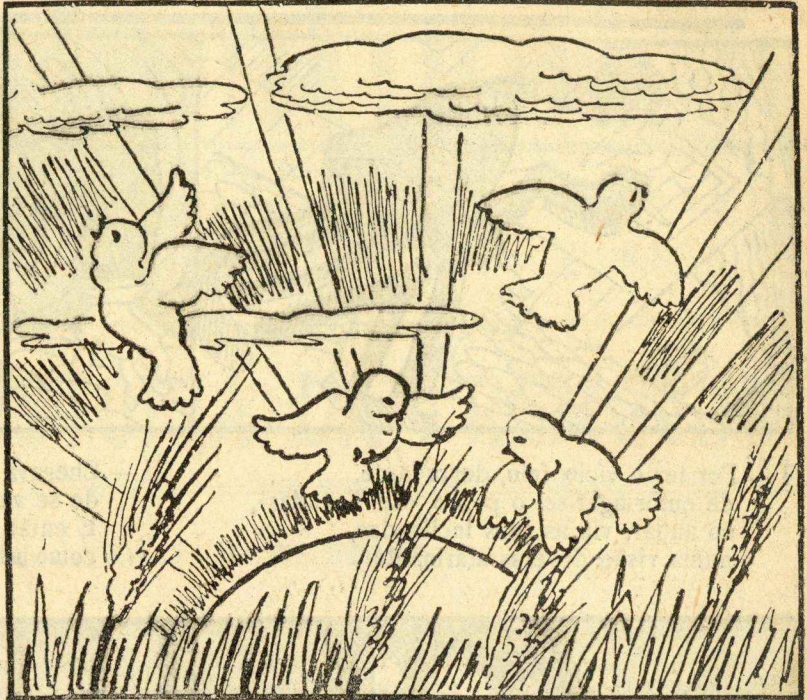
- 1 — Anão Sabichão 2 — Revista 3 — Marmelo 4 — Carapinha 5 — Casacão 6 — Miradoiro.

PROBLEMA



Desenhar êstes 3 quadrados dum só traço.

PARA OS MENINOS COLORIREM



CHARADAS COMBINADAS

por DIADOSO

- + ma = móvel
- + xou = tempo de verbo
- + to = roedor

Conceito = móvel

- + elífico = suave
- + tágere = pequena estante
- + isa = planta

Conceito = móvel

- + noa = pequeno barco
- + poles = cidade italiana
- + ta = mentira

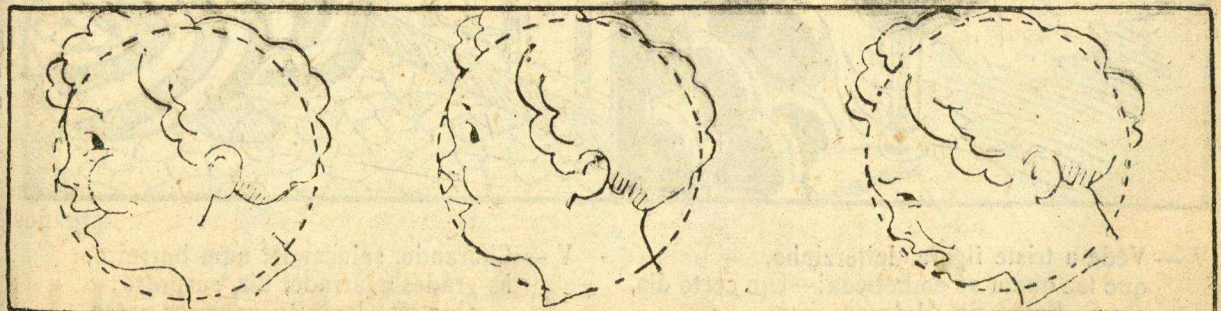
Conceito = móvel

- + pa = parte dum chapéu
- + derado = devagar
- + diva = presente

Conceito = móvel

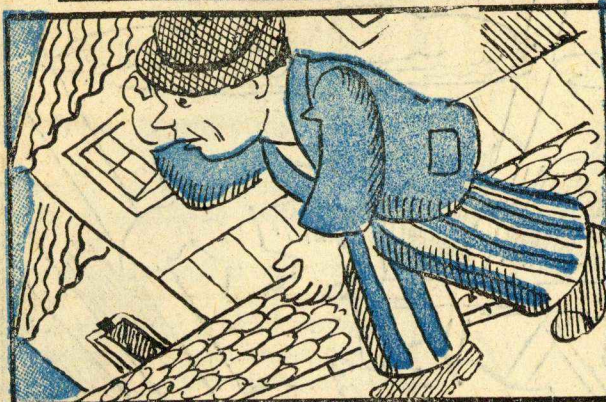
Solução das anteriores: 1—Portugal 2—Douro 3—S uissa 4—Beira 5—Russia 6— Algarve.

L i ç ã o d e d e s e n h o

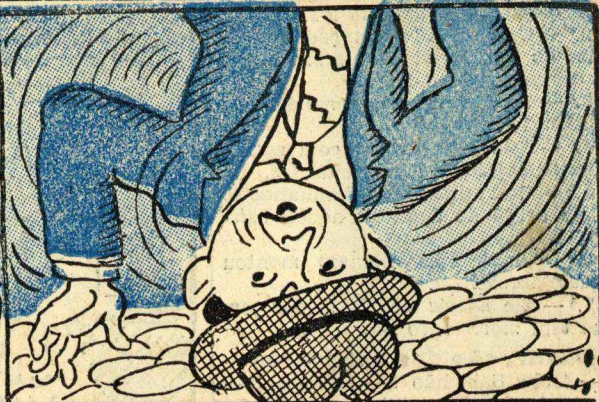


Como se desenham três atitudes de bébé dentro do mesmo círculo

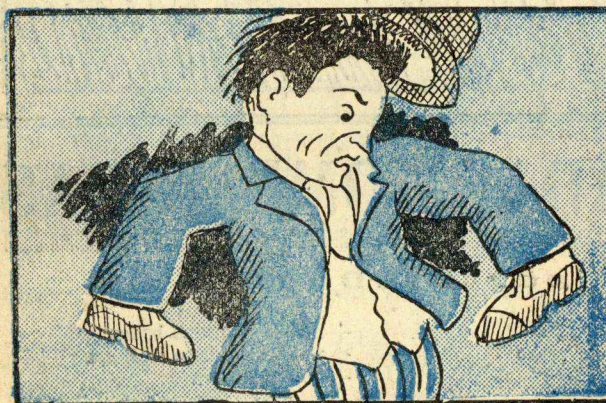
Ilusões... de Optica



I — Por ter o vício feio, degradante, de embriagar-se, o pobre «Zé Taxadas», ao andar, via, as ruas inclinadas, numa visão deveras alarmante.



II — Chegava ao ponto, a sua embriaguês, de se ver de cabeça para baixo... E então dizia lá consigo:—«O' diácho, como hei-de andar, se tenho em cima os pés?!»



III — E até no próprio corpo, achava, então, certas alterações; e quanta vez o nosso triste herói metia os pés pelas mãos, numa grande confusão.



IV — Vêde a triste figura, leitorzinho, que faz quem se embebeda!—Um certo dia, em S. Pedro de Alcântara, caía, junto às grades, o nosso ôdre de vinho.



V — Chorando, soluçando, num berreiro, às grades agarrado, diz, surpreso:—«Que mal faria eu para ser prêso, e vir parar, assim, ao Limoeiro?!»